

## PULCHRUM: O ENCONTRO COM A TRASCENDÊNCIA ABSOLUTA EM NOSSOS DIAS

### PULCHRUM: THE ENCOUNTER WITH ABSOLUTE TRANSCENDENCE TODAY

*Irmã Juliane Vasconcelos Almeida Campos\**

#### RESUMEN

A pesar de los enormes cambios de mentalidad que hubo a lo largo de la Historia, el ser humano continúa él mismo en su naturaleza, teniendo en sí los trascendentales –*unum, bonum, verum, pulchrum*–, las perfecciones del ser que lo llevan a comunicarse con el Ser Absoluto, trascendente en plenitud. Pero los relativismos y subjetivismos de la actualidad dejaron apenas la puerta del *pulchrum* abierta a esa comunicación. Se trata de comprender el verdadero lenguaje de la belleza para que, por medio de ella, pueda darse el encuentro con la trascendencia absoluta en nuestros días.

#### PALABRAS CLAVE

*Pulchrum*, Trascendentales, Tomismo, Belleza, Estética.

#### ABSTRACT

Despite the considerable changes in mentality that has existed throughout history, mankind remains the same in nature, having in itself the transcendental *unum, bonum, verum, pulchrum*, the perfection of being that lead to communicate with the Absolute, transcendent in its fullness. But the relativism and subjectivism have now left the door slightly open to *pulchrum* for this communication. It attempts to understand the true language of beauty so that through it the encounter with the absolute transcendence may be possible

#### KEY WORDS

*Pulchrum*, Transcendental, Thomism, Beauty, Aesthetics.

\* Licenciada canónica en Filosofía de la Universidad Pontificia Bolivariana. Medellín- Colombia; Miembro de la Asociación Internacional de Derecho Pontificio Heraldos del Evangelio; Sao Pablo-Brasil. Correo electrónico: [juliane.campos@arautos.com.br](mailto:juliane.campos@arautos.com.br)

Artículo recibido el día 26 de mayo de 2010 y aprobado por el Comité Editorial el día 15 de octubre de 2010.

### RESUMO

Apesar das enormes mudanças de mentalidade havida ao longo dos tempos, o ser humano continua o mesmo em sua natureza, tendo em si os transcendentais –*unum, bonum, verum, pulchrum*–, asperfeições do ser que o levam a comunicar-se com o Ser Absoluto, transcendente em plenitude. Porém, os relativismos e subjetivismos dos tempos atuais deixaram apenas a porta do *pulchrum* aberta para isso. Trata-se de compreender a verdadeira linguagem da beleza para que, por meio dela, se dê o encontro com transcendência absoluta em nossos dias.

---

Passam-se os anos, séculos, e até mesmo milênios. Transformam-se as culturas, as tendências e as mentalidades, mas o homem continua sendo um ser racional, composto de corpo e alma, inserido em um Universo de seres animados e inanimados –do qual faz parte–, com inquietudes e reflexões. Lógico por natureza, busca e explicações racionais para todos os fenômenos que percebe pelos sentidos ou por suas próprias intuições transcendentais, que estão em sua proporção ou até mesmo desproporcionais à sua razão limitada.

Em sua dimensão horizontal, o homem se sente senhor do mundo que o rodeia, exibe seu poder, organiza-o e lhe dá sentido. A horizontalidade é o terreno de suas possibilidades e realizações. Mas seus próprios desejos, pensamentos e linguagem, sua necessidade de transcendência, sua sede de infinito levam-no a aventurar-se além do mundo material, dirigindo-se à fonte de onde tudo emanou. É a dimensão vertical que faz com que o homem saia dos limites de sua horizontalidade, transcendendo para um outro mundo –para ele em perpétua ampliação–, numa interminável busca de um Ser Absoluto, que é seu fim, para o qual tende, em quem quer encontrar repouso.

## 1. O homem ainda é um ser humano...

E se o ser humano ainda continua a ser humano –e apesar de toda a mudança de mentalidade havida, ao longo dos séculos, não se pode mudar sua natureza– é um ente que possui o ser, e tem que ter ainda em si as qualidades transcendentais deste –à maneira de instinto do espírito–, pelas quais percebe que é um ser *unum*, distinto dos demais; que existe e é o que é, tem relação com sua inteligência, é *verum*; e seu ser é desejado pela vontade, porque é *bonum*. Na conjunção de tudo, provoca agrado, é *pulchrum*; e o belo sendo esta conjunção não é senão “o esplendor dos transcendentais reunidos” (Forte 34-35), portanto, o esplendor da verdade e do bem.

Mas o homem, sendo um ser por participação, apenas tem os transcendentais em si em conformidade com o seu analogado primário –o *esse* em plenitude absoluta–, que é fundamento dos mesmos (Fernández de Cordova 78-79), e tende ele à semelhança com este seu fim último, que é *unitas, veritas, bonitas, pulchritudo* (São Tomás de Aquino 1951 c. 24).

Portanto, o homem continua tendo em seu próprio ser os transcendentais, este “atributo próprio do ente, que não é sinônimo de ente, mas está totalmente unido a ele” (Fernández de Cordova 78), é tão real como ele, e é uma perfeição que convém a todas as coisas, sem exceção, pelo fato de existirem: o *unum*, o *verum*, o *bonum* e o *pulchrum* participados, que buscam sua plenitude absoluta no Ser Absoluto.

Porém, em nossos dias tão conturbados por relativismos e subjetivismos, teria algum sentido refletir sobre o próprio ser do homem em seus transcendentais, uma vez que se colocou a verdade e o bem em quarentena para viver as próprias conveniências imediatistas de um mundo que não sabe mais transcender, em que as mentes mergulham em um caos ilógico? Resta a beleza... Seria ela uma porta por onde o homem pudesse encontrar uma saída para o grande impasse existencial em que vive, de maneira que

tornasse a compreender-se a si mesmo, num *grandretour* – uma grande volta – de uma experiência transcendental do Absoluto, real e pessoal, que lhe nortearse o próprio ser, em meio à desordem contemporânea?

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a procura do sublime e do Absoluto são coincidentes ou convergentes, porque o sublime é uma qualidade de beleza que uma pessoa ou coisa pode apresentar, em proporção superior à humana; e o Absoluto é um valor que pode ser concebido de tal modo que tem um grau de perfeição que subsiste por si mesmo. Assim, a busca da beleza de fato leva ao Absoluto (Cf. Corrêa de Oliveira 1964). Contudo, o que é a beleza, o *pulchrum*?

## 2. *Pulchrum*, o que é?

Muitas vezes se relaciona beleza com imagem. Mas estas são distinguíveis, apesar de não separáveis totalmente: há conceitos belos e imagens feias. Pode-se dizer belamente a verdade, mas esta só termina de convencer quando é mostrada e não apenas dita. Também se pode fazer belamente o bem e dizê-lo, mas no *fazer* já o está mostrado iconicamente. Porque é consistente e real o *ser* no qual o homem crê, e seu princípio também é pessoal (Llach Aci 66).

E apesar da filosofia moderna kantiana haver reduzido a beleza a um elemento puramente subjetivo, enquanto propriedade do *ser*, o *pulchrum* está intimamente ligado aos atributos transcendentais: ao verdadeiro, porque agrada aquilo que é conhecido pelo intelecto, e ao bem porque o objeto do belo satisfaz o apetite sensível. Porém, hoje em dia nota-se que, infelizmente, tornou-se natural ao homem não mais degustar o *pulchrum* do *verum* como, por exemplo, um pensamento lógico de um São Tomás, que emite uma beleza que não é literária, senão que é a beleza inerente à idéia ou à verdade que ele põe em evidência, é a beleza do pensamento puro, do conteúdo relacionado à idéia. A beleza da idéia verdadeira é um esplendor que reflete

o lado espiritual do homem, como um cristal que, absorvendo a luz, cria a ilusão de que a luz que mora nele o faz um foco de luz. Portanto, o ponto terminal do *verum* em plenitude, nessa consideração, é o *pulchrum*. Mas o belo é, também, um tipo de amor que não pode ser destacado do *bonum* como elemento deste amor. E é por isso que o *pulchrum* não é senão o *splendorveritatis* e o *splendorbonitatis* (Cf. Corrêa de Oliveira 1966-1984).

Este seria um título autônomo do amor que faz ver a bondade e a verdade das coisas, ou seja, o *pulchrum* dá uma facilidade especial para amar. Quando se diz que Deus repousou contemplando as suas obras, eram estas mesmas voltando-se para Ele, num ato de religião, cuja beleza é a do efeito que se volta à sua causa. Esse modo de ver o *pulchrum* é algo que penetra no homem –libertando-o de seu egoísmo–, ao qual ele se rende amorosamente, deliciosamente, como num êxtase. Sai de si mesmo, de sua pequenez e se entrega à grandeza e plenitude, como um filho que readquire seu pai, encontrando-o no Absoluto. É uma contemplação estética das mais altas, pois depois de fazer toda espécie de analogias da coisa e chegar à sua beleza, a contempla em Deus, como a Beleza em si. É uma emoção estética que termina substancialmente num ato de caráter religioso e metafísico, ainda que inconsciente. É um profundo pensamento, que através dos esplendores naturais ali contemplados, se chega ao conhecimento do amor de Deus, a uma experiência transcendental do Absoluto (Cf. Corrêa de Oliveira 1966-1984).

Deus, portanto, se manifesta como uma “fornalha”, luminosa e incandescente, como luz iluminadora, que é o Belo, e como calor vivificante, que é o Bem. Ele é simples e sua luminosidade e incandescência se identificam. “O Bem e o Belose fundem na indivisibilidade. Então, o prazer de ver a Beleza e as alegrias que saciam de possuir o Bem se compenetraram; a inteligência e o amor se liquefazem na unidade do êxtase” (De Bruyne 123). Contemplando o Belo, o homem torna-se bom, assim como se torna belo amando o Bem.

### 3. *Beleza: trasendência que leva a Deus*

Tais considerações fazem recordar um dos mais célebres trechos das *Confissões*, onde o Hiponense interroga os seres sob o aspecto estético em ordem a um fim metafísico, recebendo como resposta que não eram Deus, mas eram criaturas dEle, reflexos dEle, pois sua pergunta consistia em contemplar todas essas criaturas. E ainda que os seres sem razão não pudessem interrogar a beleza, a resposta era sua própria beleza. Conclui, então, a respeito dos homens:

Os homens, pelo contrário, podem-na interrogar, para verem as perfeições invisíveis de Deus, considerando-as nas obras criadas (Cf. Rm 1,20). Submetem-se, todavia, a estas pelo amor, e assim já não as podem julgar. Nem a todos os que as interrogam, respondem as criaturas, mas, só aos que as julgam. Não muda a voz, isto é, a beleza, se um a vê simplesmente, enquanto outro a vê e a interroga. Não aparecem a um duma maneira e a outro doutra... Mas aparecendo a ambos do mesmo modo, para um é muda e para outro fala. Ou antes, fala a todos, mas somente a entendem aqueles que comparam a voz vinda de *fora* com a verdade *interior*. Ora, a verdade diz-me: –'O teu Deus não é o céu, nem a terra, nem corpo algum'. E a natureza deles exclama: 'repara que a matéria é menor na parte que no todo'. Por isso te digo, ó minha alma, que és superior ao corpo, porque vivificas matéria do teu corpo, dando-lhe vida, o que nenhum corpo pode fazer a outro corpo. Além disso o teu Deus é também para ti vida da tua vida (Santo Agostinho Libro X c. 6).

Sobre tal beleza que leva a Deus –Suma Beleza–, conclui Edith Stein: “Assim como existe uma verdade e uma bondade divinas como fundamento último de tudo o que é verdadeiro e bom, assim deve haver também uma beleza divina, enquanto fundamento último de tudo o que é belo” (Stein 339). E é São Tomás (São Tomás de Aquino 2003 q. 39 a. 8) quem diz que as coisas são belas em suas formas, de onde se deduz que o ser (*esse*) de todas as coisas se deriva da beleza divina.

Gilson também se utiliza dos transcendentais para chegar a Deus e conclui que Deus é belo porque é bom, é bom porque é ser, e como n'Ele essência

é existência (*esse*), não tem limite no bem ou no ser. Portanto, pode-se dizer que Deus é perfeito e infinito por ser Deus. “Para Ele, ser Deus é simplesmente *ser*. E isto é o único que temos afirmado: que há um nome próprio de Deus, e esse nome é: ELE É” (Gilson 205).

A harmonia de tudo isso, segundo São Tomás (2005 q. 81 a. 8), compõe a beleza e a santidade de Deus, que se constitui na união indissolúvel de todas as perfeições absolutas, purificadas de toda imperfeição, e é a Perfeição mesma, imaculada e imutável. Donde a Beleza divina “é o esplendor de todas as perfeições harmonizadas, como o *belo*, na ordem criada, é o esplendor de todos os transcendentais reunidos, do ser, do uno, do verdadeiro e do bem, ou, mais particularmente, é o fulgor de uma harmoniosa unidade de proporção na integridade das partes, *splendor, proportio, integritas*” (Garrigou-Lagrange 299)\*.

Assim, se é possível ver a beleza de Deus interrogando as criaturas naturais, desprovidas de razão, fazendo uso da analogia, ponte que une o finito ao infinito, pode-se compreender muito mais o Gênesis (1, 26), quando diz: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. Ser necessariamente implica em certa semelhança com “Aquele que é” (Gilson 157): a Verdade, o Bem e a Beleza em si mesmo. E se a beleza é o amor que faz ver a verdade e o bem de todas as coisas, amar o outro é encontrar o bem que existe em um e em outro, de criatura a criatura, não vendo no outro senão uma *imago Dei*. No fundo é a procura do Absoluto que canta na alma do homem, relacionando-o com o mundo e com seus semelhantes, em Deus. Quão verdadeiras são as palavras de Lacordaire: *L'intelligence (raison) ne fais que parler, c'est l'amour qui chante!*

---

\* Cf. São Tomás de Aquino 2003 q.39, a.8.

#### *4. Um mundo estético, sem beleza*

O caos do mundo hodierno, provocado pela confusão nas mentes, também confundiu a beleza em si com a mera estética. A globalização é uma realidade e apresenta um mundo que não é senão a estética da saturação, do excesso, da máxima informação no mínimo de espaço e de tempo. A sociedade, assim globalizada, norteadas por constantes e profundas renovações tecnológicas, perdeu a crença nos mega-relatos e na racionalidade como fundamento do conhecimento. Nela se despertam a subjetividade e a emoção, a virtualidade, as sub-culturas crescentes, favorecendo uma nova percepção cosmológica da realidade (Carvalho 30-31).

O homem –crendo-se senhor de si mesmo– se deixou enganar e passou a ser visto como mero consumidor no mercado de possibilidades indiferenciadas, onde a escolha em si mesma passou a ser o bem, a novidade aparenta ser a beleza e a experiência subjetiva suplanta a verdade (Bento XVI 8). Assim, o belo perdeu seus fundamentos e se reduziu a bem de consumo. No grande mercado da “aldeia global” atual desapareceram os signos de beleza: a máscara da propaganda parece triunfar sobre a verdade e a beleza últimas (Forte 166).

É preciso reeducar as pessoas da “civilização da imagem”, ensinando por meio do belo a praticar a admiração e o elevar-se ao Criador, ao mesmo tempo metódica e degustativamente, partindo da figura e tendendo, por meio desta, a uma reflexão que nunca se distancia inteiramente da imagem, nem sequer no seu ponto terminal (Corrêa de Oliveira 2008 19). A beleza tem um força pedagógica própria quando introduz eficazmente no caminho da verdade (João Paulo II 2002). É preciso descobrir o invisível a partir do visível. Este é o papel da beleza e da ordem, buscando as qualidades do Universo que impulsionam a olhar para o alto, onde está a beleza, libertando o homem das cadeias da massificação. Ela se manifesta nas multiformes maravilhas da natureza, mas também se traduz nas obras humanas, reflexos de seu espírito –obras de arte, literatura, música, pintura



e artes plásticas–, bem como se faz apreciar, sobretudo, na conduta moral, nos bons sentimentos. “O homem é consciente de ‘receber’ toda esta beleza, ainda que com sua ação também contribua para sua manifestação. Ele a descobre e a admira plenamente só quando reconhece sua fonte, a beleza transcendente de Deus” (João Paulo II 1985); quando dá “o braço a torcer”, reconhecendo também sua contingência, para participar plenamente desta beleza universal, magnificamente harmônica e ordenada: o relacionamento entre Deus, os homens e o mundo.

A estética da mensagem determina sua eficácia. “O belo que se comunica belamente chega mais rápido e mais profundamente ao receptor. Quando o emissor está aliado à beleza é muito mais verdadeiro e comunica mais facilmente o bem. A beleza comove e move o coração” (Llach Aci 72). É ainda Lacordaire quem diz que a verdade para na inteligência; a beleza chega até o coração.

### *5. O encontro com a transcendência em nossos dias*

Hoje se necessita da beleza para não cair no desespero –já dizia Paulo VI (*Concluding document of the Plenary Assembly the Via Pulchritudinis, Privileged Pathway for Evangelisation and Dialogue*), no final do Concílio Vaticano II–, e este é o caminho para encontrar a verdade e a bondade, que estão no coração do Evangelho. A beleza provoca emoções, põe em movimento um dinamismo de profunda transformação interior no homem, engendrando alegria e sentimentos de plenitude, desejo de participar livremente na mesma beleza, que passa a fazer parte de seu próprio interior, integrando-a em sua existência concreta (*Ibid*). Só a espiritualidade da beleza pode reencontrar a Beleza Suprema.

Em um mundo sem beleza –ainda que não possa prescindir dela, mas seja utilizada de modo equivocado– ou que já não é capaz de vê-la como ela é, diz Von Balthasar (23, 24, 27, 29), o bem perde sua força de atração e a

evidência de dever ser praticado, e diante dele o homem fica perplexo, chegando a questionar o porquê de fazer o bem e não o mal... Também os argumentos demonstrativos da verdade perdem sua contundência e força de conclusão lógica; e ainda que existam os silogismos, concluir passa a ser um mecanismo sem interesse ou a conclusão mesma não conclui nada. E se isso ocorre com os transcendentais, porque um deles foi descuidado, que ocorrerá com o ser mesmo? São Tomás considerava o ser como a 'luz do ente'. Apagar-se-á tal luz onde ela foi esquecida, e onde já não se permite que o mistério se expresse a si mesmo? O testemunho do ser passa a não ser crível para aqueles que não são mais capazes de entender a beleza. A filosofia, continua Von Balthasar, corrompeu o sentido da palavra *percepção* –*Wahr-nehmung*, em alemão, ou seja, capacidade de captar o verdadeiro –, tirando do homem sua própria dignidade, fazendo-se necessária agora alguma forma vital que enobreça sua vida cotidiana, para vislumbrar o Absoluto e obtê-lo novamente, por meio de olhos capazes de perceber a forma espiritual. É preciso reaprender a ver a forma originária do homem na existência e, com audácia, pôr em relevo de novo a totalidade: a verdade, a bondade e a beleza.

Destas três portas para chegar a Deus –como sendo a Verdade Primeira, o Bem na Suma Santidade e a Beleza Suprema em si mesma–, as duas primeiras parecem fechadas no mundo pragmático e relativista de hoje, sobretudo para a juventude, segundo Danneels (39). Para ele, todos são pequenos “Pilatos” que –por culpa de nossa cultura que fez o caminho do dogmatismo e do dogma intransitável atualmente– perguntam o que é a verdade, colocando em dúvida a existência de uma Verdade Suprema. Também vacilam ante a porta do bem, da virtude moral ou dos ideais de santidade porque, apesar de muitas vezes os admirar, não sentem forças para trilhar esta via. Em contrapartida, a porta da beleza está completamente aberta, pois diante dela caem todas as objeções. E beleza aqui não é a mera forma, senão que considerada no sentido platônico do *pulchrum* como

*splendor veri* ou na expressão francesa como a *brillance* da verdade. Pois, se a verdade é o sol, o *pulchrum* seria o halo em torno do astro-rei, onde este é mais quente e luminoso. E não foi, também, por casualidade que os gregos fizeram um único substantivo das palavras belo (*kalós*) e bom (*agathós*), pois tudo o que bom é belo e o que é belo é bom.

É ainda Von Balthasar (223-224) quem conclui que ante o belo e nele o homem vibra por inteiro. Quando o encontra, não se limita a vincular-se a ele, senão que se sente atado e possuído. E na medida em que essas experiências transcendentais sejam os momentos mais elevados da existência, valorizando-se como tais, o belo desempenha sua função totalizadora como culminação de todos os transcendentais, desembocando naturalmente no religioso, ou seja, na experiência transcendental do Absoluto.

Com efeito, quando o amor e a procura da beleza nascem de um olhar de fé, penetram mais profundamente nas coisas e podem entrar em contato com Aquele que é a fonte de toda beleza (João Paulo II 2002), pois Deus é o manancial e a beleza presente na criatura. Pode-se dizer que “Deus é *pulcrífico*: faz bela a coisa, espargindo sobre ela a sua luz e o seu fulgor: ‘Suas irradiações são «pulcrificantes» (*istaetraditiones sunt pulchrificae*), ou seja, doam a beleza às coisas’ (*In Div. Nom.*, IV, lect. 5, n. 340)” (Mondin 97-98). O encontro com o Absoluto é um evento de beleza que traz a alegria de uma nova dimensão da existência, é “um convite para pôr-se a caminho do Pai Celestial e gozar da visão da ‘Verdade Completa’, a beleza do Amor de Deus: a Beleza é o esplendor da verdade e o florescimento do Amor” (Concluding document of the Plenary Assembly the Via Pulchritudinis, Privileged Pathway for Evangelisation and Dialogue).

Para finalizar esta breve reflexão, sobre tema tão vasto e atraente, se fará uso das inspiradas e sábias palavras de João Paulo II aos artistas – tão conhecidas, mas que bem sintetizam a encruzilhada de nossa época:

Que a beleza que vós transmitais às gerações de amanhã *provoque assombro* nelas. Ante a sacralidade da vida e do ser humano, ante as maravilhas do universo, a única atitude apropriada é o assombro. [...] Os homens de hoje e de amanhã têm necessidade deste entusiasmo para afrontar e superar os desafios cruciais que se avistam no horizonte. Graças a ele a humanidade, depois de cada momento de extravio, poderá pôr-se de pé e recomeçar seu caminho. Precisamente neste sentido foi dito, com profunda intuição, que 'a beleza salvará o mundo' (F. Dostoievski, *El Idiota*, p. III, cap. V). A beleza é o segredo do mistério e a chamada ao transcendente. É um convite a degustar a vida e sonhar o futuro. Por isso a beleza das coisas criadas não pode saciar totalmente e suscita essa recôndita nostalgia de Deus, que um enamorado da beleza, como Santo Agostinho, soube interpretar de maneira inigualável: 'Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde de amei!' («*Sero te amavi! Pulchritudotamantiquaet tam nova, sero te amavi!*»: *Confissões*, 10, 27, 38: CCL 27, 251)" (Juan Pablo II).

Nunca é tarde para reencontrar e experimentar esta Beleza tão antiga e sempre nova. Ela está à espera de cada homem que se abra ontologicamente ao mistério e se deixe inebriar por Aquele que bem poderia dizer de Si mesmo: "Eu sou o caminho, a verdade, a vida e a beleza".

### *Bibliografía*

Bento XVI. "Discurso na cerimônia de acolhida dos jovens no cais de Barangaroo, Sidney". *Revista Arautos do Evangelho*. São Paulo. 81 (Set. 2008): 6-9.

Carvalho, Maria Inez. "Uma pós-moderna instituição medieval: a universidade atingindo o século XXI". *Revista da FAEEDBA*. Salvador. 12 (Jul. - Dez. 1999): 29-43.

*Concluding document of the Plenary Assembly the Via Pulchritudinis, Privileged Pathway for Evangelisation and Dialogue*. 25 nov. 2008. <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/cultr/documents/rc\\_pc\\_cultr\\_doc\\_20060327\\_plenary-assembly\\_final-documenten.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_cultr_doc_20060327_plenary-assembly_final-documenten.html)>

Corrêa de Oliveira, Plínio. *São Tomás e a dor – Parte I. Conferência*. São Paulo: 1964.

\_\_\_\_\_. *Coletânea de conferências sobre o Pulchrum*. São Paulo: 1966-1984.

\_\_\_\_\_. “A estética e a idéia de Deus”. *Revista Dr. Plínio*. São Paulo. 124 (Jul. 2008): 18-21.

Danneels, Godfried. “Beleza e cultura: meios para falar de Deus aos jovens”. *Revista Arautos do Evangelho*. São Paulo. 5 (Mai. 2002): 38-39.

De Bruyne, Edgar. *L'Esthétique du Moyen Âge*. Louvain: L'Institute Supérieur de Philosophie, 1947.

Fernández de Cordova, Pilar. *30 Temas de iniciación filosófica*. Bogotá: Universidad de la Sabana, 1990.

Forte, Bruno. *A porta da beleza: por uma estética teológica*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

Garrigou-Lagrange, Réginald. *Perfections divines*. 4ed. Paris: G. Beauchesne, 1936.

Gilson, Étienne. *Elementos de filosofia cristiana*. Madrid: Rialp, 1970.

João Paulo II. *Audiência General*. 6 (10 jul. 1985). 02 mai. 2009 <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/audiences/1985/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19850710\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1985/documents/hf_jp-ii_aud_19850710_sp.html)>.

\_\_\_\_\_. *Mensaje del Santo Padre firmado por el Cardenal Sodano, al "Meeting" para la amistad entre los pueblos. XXIII Meeting de Rimini.* (19 ago 2002). 27 nov. 2008. <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2002/august/documents/hf\\_jp-i\\_spe\\_20020819\\_meeting-rimini\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2002/august/documents/hf_jp-i_spe_20020819_meeting-rimini_sp.html)>.

Juan Pablo II. *Carta a los artistas.* 25 nov. 2008 <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists_sp.html)>.

Llach Aci, María Josefina. "Otra mediación: la belleza, otro lenguaje: la imagen". *Revista Teología.* Buenos Aires. 92 (Abr. 2007): 51-76.

Mondin, Battista. *Dizionario encicopedico del pensiero di San Tommaso d'Aquino.* 2ed. Bologna: Studio Domenicano, 2000.

Santo Agostinho. *Confissões.* 10ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1981.

São Tomás de Aquino. *Suma contra los gentiles. Libro III: El orden del mundo.* Buenos Aires: Club de Lectores, 1951.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica. Parte I.* Vol. 1. 2ed. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica. Parte II-II.* Vol. 6. São Paulo: Loyola, 2005.

Stein, Edith. *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser.* México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

Von Balthasar, Hans Urs. *Gloria: una estética teológica. La percepción de la forma.* Vol. 1. Madrid: Encuentro, 1985.

e

Copyright of Escritos is the property of Escritos and its content may not be copied or emailed to multiple sites or posted to a listserv without the copyright holder's express written permission. However, users may print, download, or email articles for individual use.